

A SERINGUEIRA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: histórico, situação e potencialidade da atividade

**Aldo Bezerra de Oliveira¹, Renato Barbosa da Cruz²,
Ciriaca A. Ferreira de Santana do Carmo³**

(¹Pesquisador PESAGRO-RIO; ²Engº Agrônomo PESAGRO-RIO; ³Pesquisadora EMBRAPA)

HISTÓRICO

Devido à importância estratégica da borracha natural para o país, na década de 70, o Governo Federal criou o Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural (PROBOR), que tinha como objetivo reduzir a dependência das importações do produto em consequência da queda da produção nacional e do aumento da demanda por parte das indústrias (HAAG et al., 1986). Em meados da década de 80, os primeiros seringais de cultivo foram instalados no Estado do Rio de Janeiro, sob os auspícios do PROBOR III, através do projeto "Estudo da viabilidade técnica e econômica da seringueira em áreas não tradicionais do Brasil". Orientado especificamente para a região Sudeste, o projeto visava à implantação de seringais racionais em áreas não tradicionais de cultivo, mas que apresentavam condições potenciais de clima para o desenvolvimento e produção satisfatória da cultura. Além disso, definia os indicadores de sustentabilidade da cultura naquelas áreas. Até o início da década de 90, foram implantados 18 seringais em diferentes regiões do estado, indicadas à época como aptas para a cultura da seringueira. Foram plantados 230 hectares, com aproximadamente 94 mil árvores, nas regiões das Baixadas Litorâneas, em Silva Jardim e Casimiro de Abreu; Metropolitana, em Guapimirim; Norte, em Campos e Conceição de Macabu; Noroeste, em Bom Jesus do Itabapoana, Itaperuna e Natividade; Serrana, em São Sebastião do Alto; Centro-Sul Fluminense, em Sapucaia e na região da Costa Verde, em Parati (Quadro 1).

Quadro 1 - Seringais implantados pelo PROBOR III no Estado do Rio de Janeiro a partir de 1984.

Nº	PROPRIEDADE	MUNICÍPIO	ÁREA (ha)	Nº DE ÁRVORES
01	Teresa Cristina	Guapimirim	20,0	10.000
02	Humaitá	São Sebastião do Alto	5,0	2.000
03	Arizona	Casimiro de Abreu	10,0	4.000
04	Seringueira	Silva Jardim	69,0	24.150
05	São Gerônimo	Silva Jardim	15,0	6.000
06	J. E. Agropecuária	Silva Jardim	10,0	4.000
07	Pedacinho do Céu	Silva Jardim	20,0	8.000
08	Maruí II	Campos	0,5	300
09	Conceição	Campos	4,0	3.000
10	Vista Alegre	Bom Jesus do Itabapoana	6,0	2.700
11	Vale das Seringueiras	Itaperuna	7,5	3.500
12	Cascatinha	Itaperuna	40,0	15.000
13	Sítio da Prata	Itaperuna	2,5	1.000
14	Cruzeiro da Marambaia	Natividade	8,0	4.000
15	Floresta	São Sebastião do Alto	1,0	450
16	Horto Florestal	São Sebastião do Alto	0,5	250
17	Bananeira	Natividade	2,5	1.000
18	Graúna	Paraty	10,0	5.000
TOTAL			231,5	94.350

Fonte: Relatório do 1º Levantamento da Heveicultura Fluminense, 1999.

Devido à extinção da Superintendência da *Hevea* (SUDHEVEA), órgão responsável pela coordenação de todas as ações envolvendo a seringueira no país, e ao desconhecimento do manejo e da importância da cultura no estado, o projeto foi paralisado e as atividades interrompidas.

Em 1999, por iniciativa da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), foi realizado um levantamento da situação dos seringais remanescentes e se constatou que todos apresentavam bom desenvolvimento vegetativo, representado pelo perímetro de caule adequado à entrada em produção (sangria). Verificou-se, também, que os proprietários dos seringais demonstravam total desconhecimento do que fazer com as seringueiras, pois apenas um seringal era explorado comercialmente. Os resultados do levantamento permitiram identificar a necessidade de se realizar o zoneamento para a cultura no estado, baseado em atributos de clima e solo, já que grande parte dos seringais foi implantada em áreas com solos rasos ou com impedimentos físicos, que inviabilizam o sucesso da cultura, pois a seringueira necessita de solos profundos, porosos, com boa drenagem e com boa disponibilidade de água (CARMO; FIGUEIREDO, 1985). Os seringais mais bem desenvolvidos foram os localizados nos municípios de Casimiro de Abreu, Silva Jardim e Guapimirim.

SITUAÇÃO ATUAL

Devido ao insucesso na introdução da cultura no estado, várias tentativas de revitalizar a heveicultura foram iniciadas, sem sucesso, até que, em 2004, foi aprovado um projeto de revitalização contemplando atividades de pesquisa e desenvolvimento, com recursos da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e executado pela PESAGRO-RIO em parceria com outras instituições, principalmente a EMBRAPA Solos e a FIRJAN. Paralelamente às atividades do projeto, o Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico - SEDE, iniciou, no ano de 2005, estudos visando à criação de um programa de fomento para a expansão da cultura da seringueira. Várias reuniões foram realizadas, criando-se um grupo executivo com representantes de diversas instituições públicas e privadas, dentre elas a Secretaria de Agricultura e empresas vinculadas, a Secretaria de Ciência e Tecnologia, a Embrapa Solos, a Michellin, a FIRJAN e o Instituto Bio-Atlântica.

O grupo elaborou um programa piloto para a implantação inicial de 1.500 hectares de seringueira no Estado do Rio de Janeiro, priorizando pequenos e médios produtores (agricultura familiar) e tendo a Michellin, empresa com sede no Rio de Janeiro, como integradora do processo, garantindo mercado, condição necessária para a obtenção de financiamento dos projetos. O programa de fomento baseou-se em informações resultantes do projeto de pesquisa iniciado em 2004. A ação inicial foi a realização de diagnóstico dos seringais remanescentes da década de 80 através de questionário respondido pelos produtores, que apontaram vários fatores como responsáveis pela não exploração dos seringais, entre os quais se destacaram o desconhecimento do potencial da cultura, o desconhecimento da técnica de sangria e o desconhecimento do mercado ou sobre como comercializar a produção.

Visando preencher a lacuna da capacitação dos produtores, imediatamente foram realizados, com recursos do projeto executado pela PESAGRO-RIO em parceria com a empresa paulista NR Borracha Ltda. e com o INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural), dois cursos de treinamento da técnica de sangria. Simultaneamente, com o objetivo de subsidiar os produtores quanto à comercialização da matéria-prima, estabeleceu-se contato com empresas processadoras de borracha natural que, após negociação direta com os produtores, resultou no início de exploração de cinco seringais (dois em Silva Jardim, Casimiro de Abreu, Guapimirim e Sapucaia), utilizando-se kits necessários à sangria cedidos pela processadora, pagos com a produção. Atualmente, devido à boa produtividade da cultura e aos preços da borracha natural praticados, parte desses seringais tornou-se a principal fonte de renda da propriedade e seus proprietários têm o firme propósito de aumentar as áreas plantadas, o que demonstra a viabilidade da heveicultura no Estado do Rio de Janeiro.

POTENCIALIDADES

Levantamento da produtividade e da rentabilidade de dois seringais no município de Silva Jardim, após as ações do projeto coordenado pela PESAGRO-RIO durante os meses de abril e maio de 2008, constatou, num deles, produtividade média de 826 gramas de coágulo/árvore/mês, com 53% de DRC

(percentual de borracha seca), num total de 4.500 plantas; no outro seringal, num total de 5.000 árvores, a produtividade média foi de 836 gramas de coágulo/árvore/mês. Considerando-se a densidade de 500 plantas por hectare, equivalem a produtividades de 2.188kg de borracha seca/ha/ano e de 2.215kg de borracha seca/ha/ano, respectivamente. Considerando-se o preço pago ao produtor, de R\$ 1,92 por quilograma de coágulo a 53% de DRC e a colheita em 10 meses no ano, obtém-se renda bruta de cerca de R\$ 8.000,00/ha/ano e renda líquida de cerca de R\$ 5.000,00/ha/ano. Se forem considerados os períodos do ano menos favoráveis à produção de borracha natural e também eventuais reduções da densidade para menos de 500 plantas por hectare, ocorrerá redução média de 20%, o que representará, mesmo assim, renda média líquida em torno de R\$ 4.000,00/ha/ano. Essa análise demonstra que a seringueira pode ser alternativa competitiva quando comparada a outras atividades agropecuárias do Rio de Janeiro. Atualmente, há propriedade rural no Rio de Janeiro que, em contrato de parceria com uma família de quatro pessoas, das quais duas trabalham no processo de sangria, obtém ganhos de cerca de R\$ 1.600,00 por mês, que é uma boa remuneração para o seringueiro.

A expansão da cultura da seringueira para áreas não tradicionais de cultivo no Sudeste ocorreu devido ao ataque de doenças, principalmente foliares, que dizimaram os plantios da Amazônia. Segundo Furtado (2007), uma das principais medidas utilizadas no manejo do mal-das-folhas no Brasil é o plantio em locais desfavoráveis ao desenvolvimento do patógeno, utilizando o princípio geral de controle da evasão (evasão geográfica ou no espaço), popularmente conhecida como "área de escape". Seguindo esse conceito, foi elaborado pela Embrapa o Zoneamento Edafoclimático da Seringueira no Estado do Rio de Janeiro (CARMO et al. 2004), no qual 24,83%, ou seja, 10.836,86km² da superfície do estado são considerados aptos, sem restrições para a implantação de seringais de cultivo. Essas áreas apresentam estação seca bem definida, coincidente com o período de troca de folhas das plantas, sem risco de epidemias do mal-das-folhas. Cerca de 25,0% representam áreas que são ligeiramente e moderadamente restritas, nas quais a implantação de seringais requer cuidados especiais no manejo da cultura, devido à vulnerabilidade de relevo e ao risco de doenças foliares.

Em resumo, a cultura da seringueira, pela sua importância social, econômica e ambiental, surge como excelente alternativa de diversificação agrícola, uma vez que 50% das áreas do Estado do Rio de Janeiro apresentam condições de cultivo com sucesso. Como a seringueira apresenta longo período de imaturidade e os sistemas de produção adotados são fundamentados em amplos espaçamentos e largas faixas livres de solo, evidencia-se a necessidade de se estabelecerem estratégias que concorram significativamente para a conservação do solo e para o uso racional da área, objetivando assegurar produções satisfatórias, bem como a redução dos custos e a geração de rendas adicionais ao produtor (FANCELLI, 1986). Dentre essas estratégias, a consorciação com culturas intercalares é de primordial importância para a formação dos sistemas agroflorestais. Com esse objetivo, encontra-se em andamento, no município de Valença-RJ, um experimento coordenado pela PESAGRO-RIO, tendo a EMBRAPA Gado de Leite como parceira, em que várias culturas são intercaladas com a seringueira: maracujá amarelo, palmeira real australiana, banana prata, café arábica e conilon, tomate e feijão preto.

Além desses estudos, a intensificação dos trabalhos com a heveicultura, concentrados no município de Silva Jardim-RJ e no Campo Experimental da PESAGRO-RIO, localizado na região das Baixadas Litorâneas, vem evidenciando outras áreas com grande potencial. Contudo, deve-se ter cuidado na indicação dos clones a serem plantados, pois são áreas com restrições climáticas quanto ao aparecimento do mal-das-folhas, principalmente em regiões que apresentem clima superúmido, para as quais não devem ser recomendados clones susceptíveis a essa doença fúngica, como é o caso dos clones de origem asiática.

Deve-se ressaltar ainda que, em parceria da PESAGRO-RIO com o Programa de Melhoramento Genético da Plantação Michelin da Bahia (PMB), são testados materiais genéticos cedidos pela Michelin e que se apresentam com resistência ao mal-da-folhas. Desses materiais, três clones - PMB1; FDR 5788 e CDC 312 - já foram lançados para produção extensiva de campo e já fazem parte de recomendação de clones para os estados da Bahia e do Espírito Santo. Também serão recomendados para o Rio de Janeiro, principalmente para a última região descrita. Para tanto, já se iniciou o processo de produção de mudas, incluindo-os nos jardins clonais com vistas à disponibilização dos materiais genéticos necessários ao processo de produção das mudas (enxertia). Alguns desses clones, em testes de competição no Campo Experimental da PESAGRO-RIO em Silva Jardim, apresentam comportamento satisfatório e bom desenvolvimento vegetativo, sugerindo alta precocidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMO et al. **Aspectos culturais e zoneamento da seringueira no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2004. 49p. (Embrapa Solos. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 60).

CARMO, D. N.; FIGUEIREDO, M. S. Solos para seringueira: manejo e conservação. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 11, n.121, p. 13-17, 1985.

FANCELLI, A. L. Culturas intercalares e coberturas vegetais em seringais. In: SIMPÓSIO SOBRE A CULTURA DA SERINGUEIRA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1., Piracicaba, 1986. **Anais...** Campinas: Fundação Cargill, 1986. p. 229-243.

FURTADO, E. L. Manejo do mal-das-folhas da seringueira no Brasil. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 28, n. 237, p. 88-94, 2007.

HAAG, H. P.; BUENO, N.; PEREIRA, J. da P. Exigências minerais em uma cultura de seringueira. In: SIMPÓSIO SOBRE A CULTURA DA SERINGUEIRA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1., Piracicaba, 1986. **Anais...** Campinas: Fundação Cargill, 1986. p. 33-82.



Figura 1: Seringais implantados em áreas declivosas na região das Baixadas Litorâneas-RJ.



Figura 2: Capacitação em sangria de seringueira realizada pela PESAGRO-RIO em Silva Jardim.

Figura 3: Seringal em exploração desde 2005, em Silva Jardim-RJ, com apoio da PESAGRO-RIO/FAPERJ.



Figura 4: GEB (Granulado Escuro Brasileiro) oriundo do 1º lote de coágulo prensado produzido no Estado do Rio de Janeiro.